Quando a lei, sabe Ignacio García, não é igual para todos

O encenador espanhol lança-se a *Medida por Medida*, texto shakespeariano que questiona a aplicação da justiça consoante quem quebra a lei. Até 29 de Novembro no Teatro Joaquim Benite.



Medida por Medida é um texto escrito em 1603 ou 1604 e que não precisou de cremes para as rugas. Foi a proximidade natural com os tempos em que vivemos que levou a Companhia de Teatro de Almada a convidar o encenador espanhol Ignacio García para regressar ao Teatro Joaquim Benite PEDRO QUITO

Num gesto raro (inédito?) de se ver num governante, o Duque de Viena resolve sair de cena não devido a um escândalo ou aos frequentes "motivos pessoas e familiares", deixando nas mãos do seu delegado a governação da cidade. Ângelo hesita na aceitação, como convém à mais cerebral ambição, mas logo se deleita na possibilidade de exercer o poder e impor a sua lei. E a sua lei, como Shakespeare nos diz e todos o sabemos, não se aplica da mesma maneira a quem ocupa o "trono" e a quem vive junto aos esgotos. Há sempre quem, ditando a lei, se comporte como se estivesse acima dela.

É disso que nos fala Shakespeare em *Medida por Medida*, texto escrito em 1603 ou 1604 e que, até à data, ainda não precisou nem de *facelifts* nem tão-pouco de cremes para as rugas. Foi essa proximidade natural com os tempos em que vivemos que levou a Companhia de Teatro de Almada (CTA) a convidar o encenador espanhol Ignacio García para regressar ao Teatro Joaquim Benite – depois de ter dirigido a CTA em *História do Cerco de Lisboa*, *Reinar Depois de Morrer* e *Nem Come nem Deixa Comer* – e colocar em cena este texto até 29 de Novembro.

CONTINUA



A lei, como Shakespeare nos diz e todos o sabemos, não se aplica da mesma maneira a quem ocupa o "trono" e a quem vive junto aos esgotos PEDRO QUITO

CONTINUA

Para García, explica o encenador ao PÚBLICO, foi uma oportunidade para adentrar de novo no reportório shakespeariano, depois de ter feito *Macbeth* e *Os Dois Fidalgos de Verona*. "*Medida por Medida* é sempre uma peça que fica num território desconhecido", acredita, não apenas por não se encontrar entre as mais populares do bardo inglês, mas também por ser considerada a sua última comédia e tenha, afinal, tão pouco de risível. "Aceitei fazê-la porque é uma reflexão sobre a desproporção da justiça, na sua diferente aplicação entre quem tem poder e quem não o tem, sobre a forma como as leis são feitas à medida para defender sempre os mesmos e condenar também sempre os mesmos. As injustiças sociais são diferentes 400 anos depois do momento em que Shakespeare escreveu a peça, mas estamos muito longe de uma sociedade justa, equânime e em que as faltas tenham a mesma medida para todos."

A lei que põe a nu a hipocrisia, a desfaçatez e o cinismo de Ângelo (André Pardal) é aquela que proíbe o sexo fora do casamento, decretando, assim, a sentença de morte para Cláudio (José Redondo), condenado por ter engravidado a sua noiva Julieta. Para tentar salvar o irmão desse funesto destino, Isabela (Maria João Falcão) atirar-se-á aos pés de Ângelo, implorando o seu perdão. E o novo todo-poderoso de Viena, inchado com essa convicção de que tudo pode, propõe a Isabela que ela troque uma noite entre os lençóis pela absolvição de Cláudio. Ela recusa, mas o duque (João Didelet), escondido entre a população debaixo de um hábito de frade, urdirá um plano para enganar Ângelo, ainda que as consequências desse plano não sejam as previsíveis.

Na encenação de Ignacio García, os poderosos circulando num andar superior, os populares fadados a viver ao nível dos esgotos, os ecrãs que projectam os discursos dos líderes políticos (e que mostrarão também a repressão policial de hoje nas manifestações que acontecem Europa fora) lembram-nos de que "o sistema é mais poderoso do que os governantes - vai controlar e a subjugar as pessoas", teme García. "Estamos numa sociedade aparentemente mais livre, mas há suprapoderes que controlam o que falamos, o que pensamos, o que comemos". Shakespeare é, por isso, "muito moderno na sua maneira de compreender o mundo futuro, percebendo esta domesticação da população".

E se hoje as oligarquias substituíram as aristocracias, "os mecanismos de poder não são assim tão diferentes", a primeira reacção do Duque perante a falha de Ângelo é, frisa o encenador, "corporativa". O instinto continua a dizer-lhe que, antes de olhar para a falta, deve olhar para quem a comete.